



O monarca Eduardo

TERCEIRIZAÇÃO O presidente da Câmara ganha o primeiro assalto, mas o futuro ainda é incerto...

POR ANDRÉ BARROCAL

EDUARDO CUNHA daria um interessante personagem de cinema. E não só pelas suspeitas da Operação Lava Jato, chamada por certos fanfarrões de o maior escândalo da história da humanidade. À frente da Câmara dos Deputados, o peemedebista tem distribuído doses de soberba, vingança e deboche. Que o digam colegas parlamentares, jornalistas e antipatizantes em geral. Por trás dos óculos apender do nariz adunco, esconde-se mais que um ligeiro estrabismo: o olhar é fulminante. Na cabeça grisalha coberta por um implante, há um “gênio do mal”, como se dizem Brasília. Houvesse uma capa sobre os ombros acentuadamente curvados, evocaria o Professor Moriarty das histórias de Sherlock Holmes.

Graças a Cunha, a Câmara viveu uma noite faiscante durante a apertada

aprovação final da Lei da Terceirização, na quarta-feira 22. Disposto a tudo para impedir a repetição da derrota de uma semana antes, quando os deputados se recusaram a liquidar o assunto por medo da pressão das ruas e na internet, Cunha sacou um arsenal de manobras a favor da lei e causou uma fervura acima do normal no plenário.

Deputada há 25 anos, Jandira Feghali, líder do PCdoB, mostrava espanto com o “arbitrio” do presidente da Casa. Líder do PDT, André Figueiredo dizia que a sessão “maculou” a gestão de Cunha. “Sua postura autoritária não pode prevalecer!”, disparou Glauber Braga, do PSB, de dentro em riste na direção do peemedebista. “Vossa Excelência está agindo como monarca!”, bradou da tribuna o líder do PSOL, Chico Alencar. No fundo do plenário, um antigo integrante da direção da Câmara

comentava: toda semana Cunha inventa interpretações do regimento e aos poucos cria um clima insurgente entre os deputados.

Fora do prédio, barrado pela polícia legislativa, o presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT), Vagner Freitas, também cobria o chefe da Câmara de gentilezas. “O Brasil está virando um país sob o comando de um ditador chamado Eduardo Cunha.” Duas semanas antes, Freitas tinha liderado um protesto de sindicalistas em Brasília contra a lei, ao qual Cunha reagira fazendo troça: “Dá mais vontade de votar”.

Na quarta-feira 22, Freitas fora proibido de entrar na Câmara por ordem de Cunha, exemplo de um traço marcante no parlamentar, o gosto por dar o troco. “Sabe como é briga de rua, né? Você começa a brigar e não para”, costuma dizer.

Pouco antes da sessão, Paulo Pimenta, do PT, foi a Cunha apelar por Freitas, cuja central tem infernizado o peemedebista. Nada feito. “Esse presidente da CUT não entra aqui de jeito nenhum!”

O fígado de Cunha abate personagens ilustres desde o início de seu reinado na Câmara. Henrique Fontana, do PT, teve de abandonar o posto de líder do governo, forçado pela recusa de Cunha em



Diferenças. Há quem se alegre e quem se acabrunhe, entre estes Vagner Freitas



TAMBÉM
NESTA
SEÇÃO



pág. 30

STF. Quanto pesa
a toga de Gilmar
Mendes



Seu País

dirigir-lhe a palavra. A mesma postura ajudou a derrubar o petista Pepe Vargas da articulação política do Palácio do Planalto. Ex-governador do Ceará Cid Gomes acabou por sair do Ministério da Educação após ser convocado por Cunha para explicar a declaração de que havia “achacadores” na Câmara, um comentário cujo destinatário principal era o peemedebista.

As tensas negociações da Lei da Terceirização revelaram que o fígado de Cunha está sempre alerta. Às vezes, de forma nada condizente com um fiel da igreja neopentecostal Sara Nossa Terra. Às vésperas da primeira votação do projeto, há três semanas, ele reunira-se com o líder do governo, José Guimarães, do PT, e os presidentes de três centrais sindicais contrárias à proposta, Vagner Freitas, da CUT, Adilson Araújo, da CTB, e José Calixto, da NCST. Ouviu pedido de adiamento da discussão por um mês. O prazo aproximaria o assunto do Dia do Trabalho, o que talvez estranhasse os parlamentares. Cunha percebeu o plano. “Vocês querem me f...!”, reagiu ele, no relato de uma testemunha abismada com tal linguajar em boca de um dito cristão.

A fé de Cunha é interessante, aliás. Ele foi o autor de uma lei que em 2011 criou a profissão de especialista em vinhos, o *sommelier*. A sofisticação dos restaurantes, argumentava, ajudaria no turismo. Entre colegas de bancada, é famoso por gostar de vinhos de boa cepa e altos preços. Na igreja Sara Nossa Terra, o consumo de álcool é tolerado. Mas o pastor reacionário Silas Malafaia, que comemorou a vitória de Cunha para o comando da Câmara por ver enfim um igual no poder, acha que evangélico que é evangélico não bebe. Se gosta de álcool, não há notícia de que aprecie o tabaco. Quando há três anos a Agência Nacional de Vigilância Sanitária proibiu a venda de cigarros com sabor, uma medida hoje contestada no Supremo Tribunal



Glauber Braga. A voz dissonante

Federal, o peemedebista festejou uma decisão “excepcional” capaz afastar a juventude do fumo.

Timoneiro da definitiva vitória da terceirização, Cunha contou com três aliados decisivos, os barões da mídia, os capitães da indústria e os ruralistas. À Rede Globo, coube produzir um *Jornal Nacional* simpático ao projeto e capaz de neutralizar a campanha contrária vista nas ruas e na internet. Uma justa retribuição, aliás. Uma semana antes, Cunha comandara uma sessão solene em homenagem aos 50 anos da emissora. Teve voz de veludo com a emissora, outrora uma inimiga, e mão de ferro com a divergência. “O comportamento histórico da Rede Globo pode nos ajudar a manter a democracia no Brasil”, disse ele, enquanto mandava a segurança botar para fora do plenário um manifestante que tentava abrir uma faixa a lembrar o apoio global à ditadura.

A indústria foi outra a contribuir para moldar a opinião pública e, assim, deixar os deputados à vontade para aprovar a lei. Nos dias anteriores à votação, a federação do setor em São Paulo, Fiesp, pagou a canais de tevê para veicular propaganda pró-terceirização, com o presidente da entidade, Paulo Skaf, no incrível figurino de defensor dos trabalhadores. Por obra da confederação nacional do setor, CNI, um vídeo de teor muito parecido correu a internet.

Além das propagandas, os dirigentes empresariais entraram pessoalmente em campo. Mais uma vez, desfilaram na Câmara a praticar *lobby*. Embora o Planalto tenha oficialmente se omitido no debate da Lei da Terceirização, o líder do governo na Câmara, José Guimarães, trabalhou o tempo todo contra o projeto e, vencido, apontou a decisiva atuação patronal. “A Fiesp, a CNI e a CNA (*confederação dos ruralistas*) enquadraram o PSDB”, afirmou. Sem o voto dos tucanos, que na semana anterior pareciam hesitantes, o projeto teria sido arquivado.

Um deputado que apoiou Cunha na eleição para dirigir a Câmara conta que o peemedebista também tratou de enquadrar, ele mesmo, partidos que haviam fraquejado dias antes. Alguns parlamentares passaram a dizer que a satanização da proposta era culpa “de mentiras do PT”, como Nilson Leitão, vice-líder do PSDB. Para Cunha, a Lei da Terceirização transformara-se em uma questão de honra. O vencedor – ou o perdedor – não seria o projeto, mas ele. Um abalo incompatível com suas ambições.

O triunfo pode, no entanto, ter sido uma vitória de Pirro. O presidente do Senado, Renan Calheiros, diz e repete que ali o projeto não será votado nem na prensa nem com dispositivos prejudiciais aos trabalhadores. Cogita até deixar o texto na gaveta. Além disso, a votação final entre os deputados mostrou um placar apertado, de 230 votos a favor e 203 contra, bem diferente da vantagem folgada no início de abril (324 a 137). O resultado deixa Dilma mais à vontade para eventualmente vetar o projeto, o que ela se recusa a comentar. “Essa lei é a institucionalização do trabalho precário. A luta não se encerra, vamos pressionar o Senado e, se perdermos lá, vamos cobrar o veto da Dilma”, disse Adilson Araújo, da CTB. Cunha deve ter valiosas razões para embarcar em um aparente suicídio político. •